

OLHARES SUÍÇOS SOBRE O GOLPE MILITAR DE 1964 NO BRASIL

RETO MONICO*

RESUMO: O Golpe de Estado de 1964 no Brasil ocupa durante quatro a seis dias as primeiras páginas dos jornais da Confederação. Os analistas são, na sua grande maioria, muito críticos em relação à política e à atitude do Presidente deposto, mas, ao mesmo tempo, receiam uma viragem demasiado à direita do novo regime. Segundo eles, o anticomunismo visceral não resolve os problemas do país. Ao contrário, o embaixador helvético no Rio de Janeiro, que pensa em particular nos interesses das multinacionais suíças instaladas no Brasil, parece aliviado com a derrota de João Goulart e aceita, quase sem espírito crítico, a política preconizada pelos golpistas. Além da imprensa e dos documentos diplomáticos, este artigo analisa também algumas fontes orais.

PALAVRAS-CHAVE: André Dominicé, anticomunismo, Castelo Branco, golpe de 64, João Goulart, imprensa suíça,

RÉSUMÉ: Le coup d'État de 1964 au Brésil occupe durant quatre à six jours la première page des journaux helvétiques. Très critiques à l'égard du Président renversé par les militaires, les éditorialistes, dans leur grande majorité, s'inquiètent néanmoins du virage trop à droite du nouveau régime. Ils estiment que l'anticommunisme viscéral ne résout pas les problèmes du pays. En revanche, André Dominicé, l'ambassadeur suisse à Rio de Janeiro, qui défend le point de vue des multinationales suisses installées au Brésil, est visiblement soulagé par le déroulement des événements. Il ne manifeste pratiquement aucune réserve à l'égard de la politique préconisée par ceux qui ont chassé João Goulart. Outre la presse et les documents diplomatiques, cet article analyse également quelques rares sources orales.

MOTS-CLÉS: André Dominicé, anticommunisme, Castelo Branco, Coup d'État de 64, João Goulart, presse suisse,.

* Doutor pela Universidade de Genebra.

Iniciado a 31 de março, um golpe político-militar derruba, em menos de 48 horas, sem resistência significativa, o presidente João Goulart, que foge para o Uruguai quatro dias depois. A 2 de abril uma Junta Militar toma o controlo do país e Ranieri Mazzilli, presidente da Câmara dos Deputados, torna-se presidente provisório do Brasil, substituído a 15 pelo General Castelo Branco, um dos principais conspiradores militares. É o início de um período de forte repressão, nomeadamente contra os comunistas, os sindicalistas e os partidários do antigo regime em geral. São as primeiras semanas de duas décadas de regime autoritário que durará até 1985.

Neste artigo pretende-se analisar como esta viragem à direita na História do Brasil foi vista por jornalistas, diplomatas e professores suíços. A imprensa é a fonte principal, mas analiso também os relatórios do embaixador helvético no Rio de Janeiro, conservados na íntegra, dois comentários da rádio da Suíça francesa, uma breve alusão ao golpe numa reportagem televisiva sobre Dom Hélder Câmara e a opinião de dois professores universitários, Jacques Freymond e Jean Ziegler.

CAPÍTULO 1: A IMPRENSA

A) AS MANCHETES

As primeiras notícias sobre o início da sublevação militar, que começa em Minas Gerais, saem nos diários de dia 1 de abril. O *Tages Anzeiger*, de Zurique, na primeira página, insere um despacho da United Press International (UPI) e um artigo do correspondente do jornal de Zurique para a América Latina: «Iniciativa do Exército para derrubar o presidente Goulart. Revolta no estado brasileiro de Minas Gerais»; o quotidiano da mesma cidade, *Neue Zürcher Zeitung*, publica, na edição do meio-dia, um despacho da Agência France-Presse (AFP) do dia

anterior: «Perigosa exacerbação [da situação] no Brasil» e, na edição da noite, o título principal é dedicado aos acontecimentos brasileiros: «Brasil à beira da guerra civil. Revolta declarada do Estado de Minas Gerais contra o presidente Goulart»¹. Por seu lado, *Der Bund*, de Berna, escreve na última página da edição da noite, onde se encontram as últimas notícias: «Revolta separatista num estado brasileiro».

No mesmo dia, na Suíça francesa, o liberal *Gazette de Lausanne* insere, na última página, um despacho da Associated Press (AP): «Brasil: uma revolta rebenta no estado de Minas Gerais»; *La Tribune de Genève*, na página «*Nouvelles du Monde*» escreve, no título, que «a resistência ao presidente Goulart entra em ação»; o diário *Tribune de Lausanne* resume na última página despachos da UPI e da AFP intitulando o artigo: «Tensão muito viva no Brasil onde se estaria a preparar um golpe de Estado contra o presidente João Goulart»; o jornal *Feuille d'avis de Neuchâtel*, também na última página, fala de «Revolta militar no Brasil. Uma parte da tropa revolta-se contra o governo de João Goulart». Alguns quotidianos comentam o discurso radiofônico de Jango de dia 30 de março, como, por exemplo, o comunista *Voix Ouvrière* («Firmeza de Goulart perante a reação») ou *La Suisse* («A reação de Goulart»)². Este último jornal ainda consegue pôr na última página, neste mesmo número, as notícias de última hora sobre a «rebelião militar».

Se vários jornais de dia 1 de abril noticiam, como vimos, o início da revolta, no dia seguinte algumas manchetes falam de uma (possível) vitória dos revoltosos³ ou põem em evidência

1 O artigo contém, essencialmente, telegramas da AFP, da Reuter e da UPI.

2 A 31 de março, o jornal *Tribune de Lausanne* publica um artigo nas páginas interiores onde resume os telegramas da UPI intitulando-o: «No Brasil um confronto parece inevitável entre Goulart e o Almirantado».

3 «Revolta vitoriosa no Brasil», «Golpe de Estado no Brasil. Proclamação de um novo presidente», duas das manchetes de *Die Tat*, quotidiano publicado em Zurique entre 1935 e 1978 pela cadeia de supermercados Migros; o *NZZ*, na edição do meio-dia, fala de «sucesso dos rebeldes» mas também de «confusão»; «O braço de ferro acabou provisoriamente no Brasil. João Goulart pediu a demissão depois de um dia confuso e repleto de acontecimentos», manchete do liberal *Gazette de Lausanne*, que nota a negrito: «Os adversários políticos e militares de João Goulart acabaram por ser os vencedores do conflito»; «As forças conservadoras rebeldes parecem ter vencido no Brasil, onde o

o alastramento da insurreição⁴; outros publicam, por vezes, e inevitavelmente⁵, notícias contraditórias, nomeadamente sobre as decisões do presidente Goulart⁶; outros ainda, enfim, falam pela primeira vez da insurreição⁷. Estas diferenças têm a ver, pelo menos em parte, com a hora do fecho da edição. É preciso recordar também que, na altura, alguns jornais têm duas ou três edições diárias e podem, por conseguinte, corrigir e completar algumas informações sem ter de esperar pelo dia seguinte. No entanto, é muito difícil, mesmo 48 horas depois do início do movimento, perceber o que se está a passar do outro lado do Atlântico⁸, como o explicita o título na página três do *Journal de Genève*: «Movimentos de tropas. Situação confusa no Brasil»

É nas edições de dia 3 de abril de 1964 que a derrota de Goulart aparece claramente nas primeiras páginas dos jornais

presidente Goulart teria pedido a demissão», escreve *Le Démocrate*, quotidiano radical de Delémont; «Horas dramáticas no Brasil. Sucesso do golpe reacionário?» é a manchete na última página do comunista *Voix Ouvrière*.

4 «A revolta alastra a nove estados brasileiros. João Goulart abandona Brasília mas quer continuar a luta», diz o *Feuille d'avis de Lausanne*; «A insurreição brasileira parece alastrar-se», lê-se no *Tribune de Lausanne*. «braço de ferro no Brasil. Vários estados entraram em rebelião contra o presidente Goulart», noticia o jornal *Nouvelle Revue de Lausanne*.

5 «Do Brasil chegam-nos notícias contraditórias». É assim que começa o breve comentário na última página da 2.^a edição do jornal *Der Bund*, de 2 de abril. Na altura, o jornal de Berna publica duas edições: de manhã (*Morg*, «*Morgenausgabe*») e de tarde (*Ab*, «*Abendausgabe*»), de segunda a sexta-feira.

6 *La Suisse*, de Genebra, dedica o principal artigo da última página ao pedido de demissão de Jango e insere também ao lado o desmentido do ainda presidente; o *Basler Nachrichten*, na edição da manhã, fala da queda de Goulart, mas à tarde já evoca a contraofensiva de Jango, *La Tribune de Genève* intitula o artigo na última página: «*Dernières nouvelles du Monde*» [Últimas notícias do Mundo]: «A rebelião brasileira parece ter triunfado, mas o presidente Goulart organiza clandestinamente a resistência para tentar reconquistar do poder»; «Onde é que está Goulart?», pergunta-se, por seu lado, na primeira página, o católico *Die Ostschweiz*.

7 «Revolta contra o poder federal no Brasil. Os governadores dos Estados de Minas Gerais e de São Paulo à frente da dissidência», *Le Courrier*; «O Brasil em revolta contra Goulart», *Giornale del Popolo*; «Revolta de alguns estados brasileiros contra o governo central de Goulart», *Il Dover*.

8 O *Tages Anzeiger*, do mesmo dia, resume na primeira página os despachos da Associated Press (AP) da Reuters (R), da UPI e da AFP, intitulando o artigo: «Luta caótica pelo poder entre o Presidente Goulart e os seus inimigos. O Brasil está mesmo à beira de uma guerra civil». «Confusão no Brasil. O Sr. Goulart em fuga?» pergunta *L'Impartial*, na mesma data.

da Confederação: «No Brasil, os rebeldes são donos da situação» (*National-Zeitung*); «Indiscutível vitória da rebelião no Brasil» (*Tages-Anzeiger*); «O falhanço do presidente Goulart» (*La Suisse*); «No Brasil a viragem é completa» (*Der Bund*); «Brasil. Goulart admite a derrota» (*Tribune de Lausanne*); «No Brasil, Goulart capitula» (*Neue Zürcher Zeitung*); «A liquidação do sistema Goulart» (*Die Tat*); «A derrota de Goulart» (*Giornale del Popolo*). São alguns dos títulos (quase todos manchetes) que informam os leitores suíços sobre a mudança rápida e radical na vida política brasileira. A partir de dia 4 publicam-se menos manchetes sobre o Brasil, embora ainda se fale dos primeiros passos do novo governo, nomeadamente, como veremos, no que diz respeito às medidas de repressão.

Resumindo, podemos dizer que os jornais helvéticos não ficam surpreendidos com o desencadeamento do golpe no grande país sul-americano, como escreve o professor Federico Bach no início da sua análise publicada pelo *National-Zeitung*⁹:

Os acontecimentos no Brasil, que levaram à fuga do presidente Goulart, não surpreendem. O que é surpreendente é o fato de eles acontecerem só agora. Há muito tempo que a situação estava tensa e precisava só da faísca para que o barril de pólvora explodisse.

Além disso, os jornalistas helvéticos percebem claramente a origem da revolta e esperam, em vão, durante um ou dois dias, pela reação de Jango. A partir de sexta-feira, dia 3 de abril, os periódicos, sem exceção, não dissimulam a vitória dos militares golpistas e a clara derrota de João Goulart.

Os jornais suíços não se limitam, porém, a relatar o sucedido, com a preocupação de descrever o mais fielmente possível os fatos, mas publicam vários comentários para tentar explicar esta vitória das forças mais conservadoras da sociedade brasileira.

9 «Die brasilianische Krise», *National-Zeitung*, 9 de abril de 1964, Abendblatt [Edição da tarde].

B) GOLPE E GOLPISTAS

A esmagadora maioria dos analistas percebe imediatamente que se trata de um golpe das forças conservadoras. Jean Hugli, no jornal *Nouvelle Revue de Lausanne*, a 5 de abril, diz que é uma «revolução de direita», com o concurso do Exército, dos grandes proprietários, da grande burguesia e com o apoio de «um clero tradicionalista», completamente impermeável ao novo espírito do Concílio Vaticano II. Dois dias antes, o *Tages-Anzeiger*, num breve comentário na página 3, fala de uma «revolta de círculos militares e políticos de direita contra o regime de tendência fortemente marcada à esquerda do Presidente Goulart».

Die Tat, a 2 de abril, que situa claramente a revolta na extrema-direita, comenta: «A revolta no Brasil contra o Presidente João Goulart é mais um exemplo de como, na América Latina, é difícil encontrar o caminho certo entre o reacionarismo e o comunismo para implantar as reformas necessárias e urgentes».

Em *Le Courrier*, do mesmo dia, Henri Schubiger comenta os acontecimentos sublinhando como a «direita brasileira, com o apoio de uma parte do centro e mesmo da esquerda “moderada”»¹⁰, está a revoltar-se contra o poder central. Segundo o editorialista do quotidiano católico, está a decorrer uma «prova de força» entre os reformistas e os conservadores, querendo estes «impedir, a qualquer preço, a implantação de reformas económicas e sociais» que o jornalista julga, no entanto, indispensáveis.

O diário socialista *La Sentinelle* exprime a mesma opinião: «Trata-se de uma nova fase da luta dos que querem atrasar o progresso social e se opõem à melhoria do nível de vida dos trabalhadores»¹¹. Para o quotidiano de La Chaux-de-Fonds, no Terceiro Mundo há sempre uma «reação da direita» que quer salvaguardar os seus privilégios, quando um «governo eleito democraticamente» tenta implantar reformas em favor do povo:

10 O semanário *Deie Weltwoche*, a 10, também fala de uma oposição formada pelos governadores, pelos militares e pelas forças políticas desde a direita até aos moderados.

11 «Au Brésil, la légalité est en danger» [No Brasil, a legalidade está em perigo], *La Sentinelle*, 2 de abril de 1964.

Esta aliança do grande capitalismo, que controla os grandes jornais, dos proprietários das terras habituados a ter servos disponíveis para todo o serviço, e da Igreja conservadora que quer dominar, já atrasou a transformação normal da Humanidade nos países em via de desenvolvimento.

René Braichet¹² tem uma opinião diametralmente oposta: não acredita na teoria de que as forças reacionárias se levantaram contra Goulart porque este queria as reformas sociais e ataca uma parte da imprensa:

Alguma imprensa conformista suíça e francesa ficou escandalizada. O Senhor Goulart queria, como os seus antecessores, erradicar a miséria e o subdesenvolvimento do Brasil e agora, mais uma vez, as forças conservadoras e “reacionárias” opuseram-se. Esta é uma visão demasiado simplista, e, por conseguinte, em grande parte errônea.

Walter Stachelin, no *Basler Nachrichten*, datado de 4-5¹³, recusa também esta explicação «simplista». O articulista do quotidiano liberal escreve que, quando um golpe de estado derruba um governo de esquerda, pensa-se logo que, mais uma vez, os grandes proprietários, ricos, ultrarreacionários se conseguiram impor aos políticos que queriam implantar audazes reformas agrárias para o bem das massas indigentes graças aos militares que eles próprios pagaram. Mas as coisas não são assim tão simples.

A atitude dos militares¹⁴ é, como já mencionámos, um outro ponto central das análises jornalísticas. *Der Bund*, de 4-5, por exemplo, acha que foi decisiva para que os revoltosos triunfassem. Os chefes militares são várias vezes citados nas listas dos inimigos de Jango: *Die Tat* menciona-os, dia 5, juntamente com a oligarquia e os industriais; o socialista *Berner Tachwacht*, a 4-5, cita-os ao lado dos senhores feudais e das empresas americanas; por seu lado, o *Tages Anzeiger*, dia 2, põe os chefes militares na companhia dos

12 *Feuille d'avis de Neuchâtel*, 4 de abril de 1964.

13 Trata-se da edição de fim de semana, que tem as duas datas: a de sábado 4 e a de domingo 5.

14 O *Tages-Anzeiger* escreve no início da sua manchete de dia 1: «Iniciativa do Exército para derrubar o presidente Goulart».

governadores e dos dirigentes da Igreja.

René Baume, em *La Suisse*, a 1 de abril, critica os chefes militares, apoiados pelos elementos conservadores da sociedade brasileira, de terem levado Getúlio Vargas ao suicídio dez anos antes. No seu comentário dois dias mais tarde, acusa-os, claramente, de estarem «ao serviço dos privilegiados» e de terem quebrado «todas as tentativas de reformas sociais». De opinião totalmente oposta é *Die Weltwoche*, de dia 10, quando comenta a reação dos oficiais depois da decisão de Jango de não castigar os marinheiros rebeldes: «E, no entanto, o Exército brasileiro, não é de modo nenhum reacionário, mas perfeitamente disposto a apoiar uma reforma agrária razoável»

René Payot, no seu editorial de dia 3, intitulado «Golpe de Estado pacífico»¹⁵, pois não houve derramamento de sangue, põe em evidência o seguinte:

Como sempre nos países sul-americanos foi o Exército que teve um papel decisivo. Nenhum movimento pode ganhar sem o apoio dos seus chefes. A grande maioria dos generais estava contra João Goulart e isso devia provocar o seu fracasso, porque o Exército brasileiro, que tem 120 000 homens no ativo, está tão bem treinado como disciplinado.

No *Basler Nachrichten* do fim de semana, de dias 4 e 5, Walter Staehelin defende a ideia de que a decisão de afastar Goulart «provém exclusivamente dos políticos de primeiro plano dos estados mais influentes e não dos militares, que há muito tempo se opõem a um golpe». Acrescenta que no Brasil não há nenhuma «casta militar» no sentido comum da palavra. Além disso, as escolas militares são excelentes. Graças a esta formação, os alunos têm uma grande cultura, uma consciência cívica, mas não são influenciados do ponto de vista político. As coisas deviam ir muito mal para que «os generais brasileiros dessem a sua bênção a um golpe de Estado, impossível, naturalmente, sem o seu acordo e apoio».

O quotidiano de Zurique, *Neue Zürcher Zeitung*, no dia 2, escreve que nesta luta há os militares mas também os políticos que

15 PAYOT, René, «Coup d'État pacifique». *Journal de Genève*, 3 de abril de 1964.

querem entrar na corrida para a presidência. Os três mais citados são Carlos Lacerda, Ademar de Barros e Magalhães Pinto, que odeiam Goulart e que são «os porta-vozes» de uma «minoría de privilegiados», escreve Schubiger¹⁶. O *Berner Tagwacht*, no artigo já citado, fala da «Aliança profana» dos três homens que bloqueia qualquer reforma há 10 anos.

O «“terrível”»¹⁷ Carlos Lacerda, que faz cair os presidentes¹⁸, porta-bandeira do anticomunismo¹⁹, administrador judicioso e combatente da corrupção²⁰, duro como o ferro, odiado mas um governador muito admirado²¹, é, segundo Schubiger, o mais virulento polemista da extrema-direita, corajoso e íntegro. O quotidiano católico de San Gallen *Die Ostschweiz*, a 7 de abril, dá uma opinião muito favorável do governador e também do golpe de Estado:

É incorruptível, tem um punho de ferro e a energia para sanear o Brasil, se for preciso com um tratamento muito doloroso mesmo. Nos Estados Unidos goza de uma confiança sem limites, que podia resultar na concessão de bilhões de dólares de créditos. Pôs à prova a sua capacidade como governador do estado de Guanabara. Mas o povo votará nele?

Do outro lado do xadrez político, o diário de capital da Confederação, *Berner Tagblatt*, descreve-o como um senhor feudal e da imprensa e como um dos piores intriguistas do país. O jornal socialista fala também de Ademar de Barros, que define como um senhor feudal, um ladrão, e de Magalhães Pinto, um dos homens mais ricos do Brasil e proprietário da maior rede de bancos²².

16 SCHUBIGER, Henri, «L'épreuve de force» [A prova de força]. *Le Courrier*, 2 de abril de 1964.

17 «Der “schreckliche” Carlos Lacerda» [O “terrível” Carlos Lacerda], *Die Weltwoche*, 24 de abril. Este artigo, muito lisonjeiro, é inteiramente dedicado ao governador de Guanabara.

18 *Gazette de Lausanne*, 3 de abril de 1964.

19 BAUME, René, «La rébellion brésilienne», *La Suisse*, 2 de abril de 1964.

20 BRAICHET, *art. cit.*

21 *Tages Anzeiger*, 2 de abril de 1964.

22 « Die Unheilige Allianz» [A Aliança profana], *Berner Tagwacht*, 4 e 5 de abril de

A imagem dada de Ademar de Barros não é muito diferente nos outros jornais: é um «camaleão da política», segundo Baume²³; Schubiger define-o como um dos mais corruptos e também um vira-casacas; Braichet diz que foi acusado de práticas fraudulentas; o *Tages Anzeiger*, de dia 2, apresenta-o como um ativo combatente anticomunista, muito longe de ser uma pessoa irreprensível. Quanto a Magalhães Pinto, o editorialista de *Le Courrier*²⁴ descreve-o como um financeiro matreiro, oportunista, que mudou de partido consoante os seus interesses.

Jean Wilhelm, que publica, a 3, no quotidiano «católico, democrático e social» de Porrentruy, *Le Pays*, um único comentário sobre o sucedido, resume em poucas linhas a sua opinião sobre os dois governadores: «O fanático Lacerda e o corrupto Ademar de Barros invocam hoje a defesa de Deus e a luta contra a infiltração comunista, mas na realidade eles defendem um *statu quo* que se torna cada dia mais impossível»²⁵.

Um aspeto que surpreende, em parte, os analistas helvéticos é a fraca resistência contra o golpe. «Os apoiantes de João Goulart não tiveram peso nenhum», comenta René Payot a 3 de abril. Em *La Suisse*, René Baume²⁶ fala de um grande vazio à volta de Jango; Kurt Pahlen, no *Tages Anzeiger* de dia 2, comenta: «Nos dois grandes estados de Minas Gerais e de S Paulo as medidas tomadas pelos governadores rebeldes parecem ter tido mais efeito do que a palavra dos sindicatos»²⁷.

Para explicar esta fraca resistência, encontrei outras interpretações, algumas delas um pouco forçadas. Lazlo Nagy afirma que os apoiantes de Jango, e o próprio presidente deposto,

1964.

23 BAUME, René, «La rebellion brésilienne», *art. cit.*

24 SCHUBIGER, Henri, «L'épreuve de force», *art. cit.*

25 WILHELM, Jean, «De dangereux soubresauts. Continent du Brésil, *quo vadis?*» [Perigosos sobressaltos. Continente Brasil, para onde vais?], *Le Pays*, 3 de abril de 1964.

26 BAUME, René, «L'échec du Président Goulart», *art. cit.*

27 PAHLEN, Kurt, «Brasilien ertrinkt in einem Meer von Hass» [O Brasil afoga-se num mar de ódio], *Tages Anzeiger*, 2 de abril de 1964.

preferiram a vitória dos reacionários a uma guerra civil²⁸, o que corresponde em grande parte à verdade histórica. Segundo Henri Schubischer, a 3 de abril, Jango não tinha outra opção senão sair do país face a um *pronunciamento* cuidadosamente preparado. Por seu lado, Paul du Bochet²⁹ dá o exemplo da tourada portuguesa na qual não se mata o touro na arena. É uma «indicação de ordem psicológica que explica que no Brasil, antiga colónia portuguesa, as revoluções são menos cruéis do que nas outras repúblicas latino-americanas, nascidas do desmembramento das possessões espanholas». Quanto a Jean Wilhelm, no artigo já citado, não tem dúvidas: não vai haver guerra civil porque os «brasileiros são um povo essencialmente pacífico» e também porque o Exército «sempre teve repugnância em se meter nos conflitos políticos, contrariamente ao resto dos seus irmãos da América latina». René Payot³⁰ considera também que foi «graças ao tato dos brasileiros, expertos na matéria», que não houve derramamento de sangue.

C) «ERROS» E RESPONSABILIDADES DE JANGO

Nas análises a quente dos acontecimentos de março e abril de 1964 no Brasil, as decisões, as escolhas e a personalidade de João Goulart estão no centro dos comentários jornalísticos.

As críticas principais que se podem ler em quase todos os jornais têm a ver com os projetos de reforma agrária, com o desejo de Goulart de dar o direito de voto aos analfabetos, de legalizar o Partido Comunista e de modificar a constituição para se poder apresentar às eleições do ano seguinte. Além disso, a revolta dos marinheiros de março de 1964 — que sabemos hoje foi, pelo menos em parte, manipulada — sem que estes tivessem sido castigados, é vista pelos editorialistas como a gota de água

28 NAGY, Lazlo: «Après le putsch de la droite au Brésil. Un triomphe dangereux» [Depois do golpe da direita no Brasil. Um triunfo perigoso], *Gazette de Lausanne*, 6 de abril de 1964.

29 DU BOCHET, Paul, «La crise brésilienne», *La Tribune de Genève*, 9-10 de abril de 1964.

30 PAYOT, René, «Un coup d'État pacifique», *art. cit.*

que fez transbordar o copo e que convenceu os últimos indecisos, nomeadamente no seio do Exército, da necessidade de derrubar o presidente.

René Payot, a 3, escreve que Goulart queria federar à sua volta toda a esquerda, mas as medidas preconizadas — definidas, em grande parte, como demagógicas pelo redator do *Journal de Genève* — e o apoio dado aos marinheiros revoltosos — inaceitável para os que não admitem «a desordem no Estado» — conseguiram agrupar uma larga frente de oposição da direita e do centro: «O seu programa era tão audaz que levava à coligação contra si todos os meios sociais, dos conservadores aos socialistas moderados».

Uma opinião quase idêntica encontra-se em *Die Weltwoche* de dia 10. O semanário de Zurique não poupa o regime de Jango, pois acha que,

[...] no fim tentou dissimular a sua incapacidade com uma crescente demagogia. Quando Goulart viu que não tinha mais nenhuma saída para as dificuldades internas aproximou-se cada vez mais da extrema-esquerda para poder continuar no poder. Provavelmente, pensou estabelecer uma ditadura pessoal segundo o modelo de Getúlio Vargas, do qual foi um benjamim.

Tudo isso e «o apoio dado aos marinheiros rebeldes tornou-o altamente suspeito aos olhos do círculo dos oficiais».

Goulart, tal como Jânio Quadros, caiu na ratoeira e, em vez de prosseguir com reformas sábias, progressivas e moderadas (como as de Kubitschek), entregou o país à inflação, comenta Braichet³¹. Segundo o editorialista do quotidiano de Neuchâtel — que o critica, como muitos outros, pelas reformas já referidas, por ter restabelecido um regime presidencial, por ter decapitado o Exército e a Marinha e por ter feito crescer a influência do cunhado, Leonel Brizola — se ele tivesse administrado o país de outra maneira teria beneficiado da ajuda americana e europeia.

Também René Lombart³² acha que o programa de Jango

31 *Feuille d'avis de Neuchâtel*, 4 de abril de 1964

32 LOMBART, René, «Un feu qui couvait» [Um incêndio que ardia debaixo das cinzas] *Gazette de Lausanne*, 2 de abril de 1964.

«apareceu como um desafio à direita tradicional». Irritou também os oficiais e os chefes militares. Apesar de tudo, prossegue o editorialista do quotidiano liberal, Goulart tinha pelo menos percebido que o Brasil de 64 já não era o Brasil de outros tempos e que a clivagem social era cada vez maior. Dois dias mais tarde, o mesmo editorialista afirma perentoriamente: «Criticado dos dois lados, Goulart só podia perder».

«Hoje o presidente Goulart podia ainda fazer mais e melhor do que os seus infelizes predecessores?», pergunta Jean Wilhelm. O articulista de *Le Pays* afirma que Jango tentou evitar as armadilhas com diplomacia, mas que perdeu porque teve de fazer escolhas dramáticas, que para nós são difíceis de entender. O Brasil é um país completamente diferente, sublinha o jornalista: metade da população não sabe nem ler nem escrever, existe um alto nível de corrupção e de clientelismo, não se pode separar a direita e a esquerda segundo os parâmetros europeus.

Segundo Jean Hugli³³, Jango não tinha o «formato» necessário para a situação. O facto de ser um homem de esquerda e multimilionário talvez o tenha favorecido no início, mas depois foi um obstáculo. Fugiu para não perder tudo. Cita a seguir algumas declarações de João Goulart proferidas antes do golpe, quase a desafiar os que queriam o seu afastamento. Na realidade, o presidente deposto não fez nada. A revista *Weltwoche* de dia 10 também é pouco lisonjeira quando fala dele como de «um político fraco e incapaz». Por seu lado, Paul du Bochet, em *La Tribune de Genève*, de 9-10 de abril, define-o como um milionário demagogo que faz lembrar «o pobre Kerensky».

Der Bund, de 4-5 de abril, acha que há uma espécie de mistura ambígua de um impulso reformista com a ambição de poder pessoal neste homem que é um dos mais ricos proprietários de terras no Brasil. O quotidiano radical de Berna menciona também a viragem à esquerda operada pelo presidente, que alertou e assustou os meios conservadores, os quais, por sua vez, mobilizaram as camadas mais baixas da sociedade.

Outros jornalistas põem em evidência a riqueza de Jango, como o já citado Walter Staehelin:

33 *Nouvelle Revue de Lausanne*, 5 de abril de 1964.

O próprio Goulart é um grande proprietário que durante a sua carreira política nunca cedeu a ninguém um pedaço de terra. A sua proposta de reforma agrária prevê sim expropriações de bens e de terras, mas não onde Goulart e os seus amigos têm imensas propriedades.

O *Neue Zürcher Zeitung*, no seu comentário na primeira página da edição da tarde de dia 2, citando o ponto de vista dos adversários de Goulart, acusa o presidente de demagogia e ter proposto reformas não para resolver «os incontestáveis problemas sociais» mas para lhe assegurar o voto das massas, nomeadamente no nordeste. Além disso, o editorialista acentua o facto de que as reformas iam deixar praticamente intactas as «enormes propriedades» do presidente.

Na sua análise, publicada no *Nouvelliste Valaisan* de dia 7, Marcel-W. Suès sintetiza a situação. Estes golpes de Estado, escreve o periodista, são «uma doença crónica para os países latino-americanos». O Brasil é rico e largamente inexplorado, com, por um lado, uma elite «abastada, inteligente, epicurista, satisfeita com a situação e disposta a defender os seus privilégios que vêm da colonização portuguesa» e, por outro lado, «um povo analfabeto, amorfo no campo, supersticioso, preguiçoso, desprovido de poder de compra que estagna na insalubridade, no mal-estar, no descontentamento e na ignorância». Entre o capital e a mão de obra, existe «um terceiro estado», a tropa, dividida entre os oficiais, os sargentos e os soldados, tendo sido os segundos elementos decisivos neste levantamento. «Na sua grande maioria», colocaram-se do lado dos oficiais. Como o presidente, quer Jânio, quer Jango, é uma «pessoa inteligente e culta», percebe que o país precisa de reformas para não se tornar — «daqui a X anos» — outra Cuba. É aqui que «o poder do dinheiro se insurge contra ele». No entanto, são os militares que se tornam os árbitros. Goulart pensava que os sindicatos tivessem mais força e que uma parte da tropa ficasse ao seu lado, mas no recente golpe, o Exército, sem ser homogêneo, «apoiou a rica burguesia que tomou as rédeas do poder». Os governadores — «verdadeiros reizinhos» — venceram e as reformas foram adiadas para as calendas gregas.

D) PROBLEMAS ECONÓMICOS E FRATURA SOCIAL

Todos os comentadores reconhecem mais ou menos abertamente que no Brasil existe um enorme problema social, com uma minoria de privilegiados e uma grande massa da população que vive na pobreza. Segundo *Die Tat*, de dia 5, no país há uma fina camada da classe alta e uma grande massa constituída de pobres. René Baume, em *La Suisse*, de 3 de abril, afirma: «Desde há dez anos que se acentua o grave desequilíbrio entre a pequena classe de possuidores e a inumerável massa dos miseráveis». Mesmo os jornais que se situam à direita do xadrez político — como o *Neue Zürcher Zeitung*, citado no parágrafo anterior — admitem esta realidade. É também a opinião de René Payot, no liberal *Journal de Genève*, de dia 3:

Todos os espíritos razoáveis concordam que o Brasil, como o resto da América Latina, precisa de reformas económicas e sociais. Para que este magnífico país de 75 milhões de habitantes encontre finalmente o seu equilíbrio é preciso reduzir a diferença entre a imensa riqueza de uma minoria e a pobreza das massas.

Jean Wilhelm vai mais longe: esta «casta pouco numerosa mas extremamente poderosa está ao leme e utiliza uma demagogia de circunstância para travar as indispensáveis reformas estruturais».

No quotidiano *Feuille d'avis de Neuchâtel*, de dia 4, René Braichet não nega a necessidade de reformas e de justiça social. Acha a diferença de classes escandalosa, mas a prioridade é impedir que o comunismo — «na forma castrista, filossoviética ou chinesa» —, utilize a miséria para atingir os seus objetivos.

Pelos idênticos motivos, o católico *Die Ostschweiz* manifesta a sua satisfação com os resultados do golpe de Estado:

Cheirava a comunismo e a perda do Brasil teria sido para o mundo livre um tremendo golpe, sobretudo porque esta perda teria sido seguida, no mesmo continente, por outras a curto prazo. Evitou-se isto. E as manifestações de júbilo em várias cidades provam que os rebeldes têm uma certa popularidade, aliás, inesperada. Se houvesse um plebiscito a favor ou contra o comunismo no Brasil, a maioria votaria claramente

contra. Mas o comunismo nunca propõe nenhum plebiscito.

Em plena Guerra Fria, o medo do comunismo não podia deixar de ser utilizado para se tentar elucidar uma parte dos recentes acontecimentos em terras brasileiras. Kurt Pahlen, no *Tages Anzeiger* de dia 2, acha que Jango não é comunista mas que os seus atos políticos favoreceram esta ideologia; Paul du Bochet³⁴ pensa da mesma maneira: as «suas intenções eram puras» mas as reformas por ele desejadas tinham «um caráter revolucionário»; o *Neue Zürcher Zeitung*, no seu editorial de dia 2, acusa-o de se ter apoiado nos sindicatos «infiltrados pelos comunistas, como também nos sargentos que desde há anos se têm vindo a organizar metodicamente num movimento político de tendência muito radical»; o correspondente do mesmo jornal, numa carta enviada do Rio no dia 6³⁵, escreve, logo no início, que a população «se viu livre de um grande peso» porque não houve guerra civil, mas, sobretudo, porque o «perigo de uma cubanização»³⁶ foi afastado; *Die Tat*, a 2, nota que os que tentam implantar uma reforma são acusados de serem comunistas ou de terem simpatias para com o comunismo, acrescentando o quotidiano de Zurique que «a infiltração comunista é uma realidade que é preciso ter em conta».

Outros jornalistas recusam estas acusações. É também o caso do analista do liberal *Tribune de Lausanne*³⁷, a 4 de abril:

A realidade é completamente diferente. Não existe nenhum perigo comunista neste país e, se um dia existir, a culpa será de quem quer ver unicamente agentes do comunismo internacional nas pessoas que formulam uma crítica realista do desperdício brasileiro.

Praticamente da mesma opinião é René Baume, no editorial de dia 2, em *La Suisse* de Genève:

34 DU BOCHET, Paul, «La crise brésilienne», *art. cit.*

35 «Die Absetzung Goularts» [A destituição de Goulart], «NZZ, 14 de abril de 1964, Morgenausgabe [edição da manhã]

36 Em itálico no texto original.

37 NAGY, Lazlo: «Après le putsch de...», *art. cit.*

O «bolchevismo» que se diz que Goulart encarna é um programa político com o objetivo de fazer sair o Brasil das fileiras dos países subdesenvolvidos, de arrancar à miséria milhões de camponeses sem nome, de operários, de desempregados, que uma classe numericamente ínfima quer ignorar. Estes privilegiados especulam com a fé cristã do povo para defender o seu próprio paraíso na terra.

No dia seguinte, o mesmo jornalista volta ao tema e põe em evidência que é a terceira vez — depois de 1954, com Vargas, e de 1961, com Jânio Quadros — que as mesmas forças conseguem vencer o chefe de Estado:

É uma amálgama feita de uma resistência interessada e de uma inquietação habilmente semeada graças à evocação do “bolchevismo” que ameaça a fé cristã. [...]

Na realidade, as reformas económicas e sociais que Goulart queria realizar são as que se espera nos países em vias de desenvolvimento.

Isso implicava, evidentemente, uma reforma do sistema fiscal que daria mais peso aos impostos diretos sobre as fortunas e os vencimentos: «A simples perspectiva de uma contribuição justa sobre as fortunas foi suficiente para condenar Goulart».

Lazlo Nagy vai mais longe. Pensa que Jango esperou demasiado tempo para aplicar as reformas. Devia ter começado mais cedo e feito isso com mais tempo³⁸:

Recordemos que a queda do regime foi provocada por pessoas que se opuseram a alguns decretos do presidente Goulart. Este, consciente dos verdadeiros males do país, tinha decidido — com o apoio dos meios empresariais liberais e lúcidos — reformar as estruturas irremediavelmente ultrapassadas do Brasil. O que se podia criticar é ele não ter pensado nisso antes. [...]

Outros articulistas põem em evidência que é a miséria que permite o desenvolvimento desta ideologia, como o quotidiano *Tribune de Lausanne*, de dia 2: «As classes abastadas (proprietárias) não são as primeiras responsáveis pela crise atual?». No mesmo

38 *Ibidem.*

pequeno comentário podemos ler a seguir: «O vírus progressista desenvolveu-se aí mais do que em qualquer outro lugar, no terreno propício — a miséria — criado pelo cego egoísmo dos reacionários».

Semelhante opinião é expressa pelo *Berner Tagblatt*, no artigo já citado onde acusa os três governadores de terem travado qualquer tentativa de reforma nos últimos dez anos:

Estas tentativas foram sempre difamadas por eles e qualificadas de comunistas. A tática foi invariavelmente a mesma: acusar os presidentes reformistas de quererem instalar uma ditadura e de preparar um golpe, mas depois foram eles que, em nome da “liberdade”, do “anticomunismo” e da “calma e da ordem”, fizeram o *putsch*.

Mas o jornal socialista avisa que a política anticomunista por parte destes círculos de poder dá ainda mais força, justamente, aos próprios comunistas, e contribui para a difusão da ideia de que só uma revolta violenta pode acabar com a injustiça.

Os analistas helvéticos debruçam-se sobre, ou pelo menos mencionam, os outros problemas económico-sociais do Brasil, como Jean-Jacques Chouet, em *La Tribune de Genève*, a 1-2 de abril³⁹:

Tudo o que se pode dizer é que esta nova convulsão deixará o Brasil perante os mesmos problemas fundamentais: a autoridade do Estado, o respeito pela lei, a disciplina nas Forças Armadas, a salvação do campesinato, a inflação, o perigo castro-comunista, as dívidas ...

Kurt Palhen fala também da inflação, da pobreza, da política de Kubitschek que não fez grande coisa e que, em vez de ajudar os pobres, concretizou o seu reino em Brasília. A crise económica é catastrófica, constata o analista do *Tages Anzeiger*: os preços das matérias-primas exportadas pelo Brasil diminuem, enquanto os dos produtos importados, nomeadamente dos bens manufaturados, sobem. A diferença é muito maior do que qualquer ajuda, crédito ou plano internacional de saneamento. É,

³⁹ Na altura, cada número do diário *La Tribune de Genève* tinha duas datas : 31 de março-1 de abril, 1-2 de abril, 2-3 de abril, etc.

segundo ele, uma das raízes dos problemas, da revolta, do perigo comunista, da guerra civil que ameaça.

E) O PAPEL DOS ESTADOS UNIDOS

Encontrei alguns comentários que se referem à atitude da grande potência norte-americana. Jean Hugli⁴⁰, depois de ter citado as declarações de Couve de Mourville⁴¹, diz que os golpistas conheciam a neutralidade benevolente e «simpática dos americanos», o que é confirmado pelas declarações de Johnson, de Dean Rusk e pelo entusiasmo de George Ball logo a seguir à queda de Goulart. No entanto, sublinha o articulista do quotidiano radical, os americanos não precisaram dar um empurrão para que esta revolução de direita arrancasse.

No mesmo dia, *Die Tat* examina a mudança na política americana depois da morte de Kennedy, cujas reformas terão de esperar ainda muito tempo. O articulista cita, nomeadamente, a declaração de Thomas C. Mann, conselheiro de Johnson para a América latina, segundo o qual os Estados-Unidos não vão fazer grandes distinção entre os regimes legais e ilegais, como prova o rápido reconhecimento das novas autoridades brasileiras. O governo americano, que exige dos governos da América latina que tomem posição contra o regime de Castro, espera agora que ocorra rapidamente uma rotura entre o Brasil e Cuba. Resumindo, Washington pensa que com o novo regime brasileiro as suas preocupações irão diminuir.

O quotidiano comunista *Voix Ouvrière* publica um extenso artigo no dia 4 de abril: «Brasil, nova agressão contra a democracia», escrito quando a derrota de Goulart ainda não era certa⁴². O autor não tem dúvidas quanto ao papel da potência

40 *Nouvelle Revue de Lausanne*, 5 de abril de 1964.

41 O ministro francês dos Negócios estrangeiros fez o seguinte comentário: «Seguimos com muita atenção uma situação que se podia prever, pois o Brasil ainda não fez a sua grande revolução e a América exerce uma forte pressão económica sobre este país».

42 CAZAUBON, Gilbert, «Brésil, nouvelle aggression contra la démocratie», *Voix Ouvrière*, 4 de abril de 1964.

americana:

As forças reacionárias que atuam no Brasil, temendo pelos seus privilégios e pressentindo a organização de uma verdadeira frente democrática, precipitaram a situação tomando as armas e expulsando o presidente Goulart. Conseguiram fazer isso porque tiveram o apoio de Washington. [...]

Porque o imperialismo americano, seriamente neutralizado pelos círculos democráticos brasileiros, preocupados com a independência nacional do seu país, jurou que se iria vingar.

Cazaubon, depois de ter lembrado a importância dos investimentos americanos no Brasil e os lucros das empresas estrangeiras no país, afirma que o que está em jogo neste país é, entre outras coisas, a «emancipação de dezenas de milhares de escravos modernos» e «a libertação do povo brasileiro da tutela estrangeira».

Na conclusão, o autor manifesta a sua fé na luta do povo brasileiro, mas prevê, no entanto, tempos difíceis no caso da derrota de Goulart: «A vitória de Lacerda e dos seus capangas quereria dizer que todas as concessões arrancadas ao imperialismo americano seriam postas em causa, e que o progresso das liberdades democráticas no Brasil ficaria gravemente ameaçado».

O mesmo jornal volta ao assunto no seu editorial de dia 7. H. Trub escreve que são os feudais brasileiros e os «*trusts yankees*» que mandam no país, enquanto o povo «apodrece na mais crassa ignorância e na maior miséria». A mensagem de felicitações enviada por Johnson a Mazzilli torna «ridículas» as declarações de Washington a propósito do apoio dado pelo governo dos Estados Unidos «às forças democráticas». Chegou o fim da chamada política «Aliança para o Progresso», do defunto presidente Kennedy.

Isso pode parecer um exagero típico da fraseologia comunista, acentuada pelo contexto dos anos 60. Todavia, mesmo no diário *Gazette de Lausanne*, que nada tem a ver com a extrema-esquerda, o articulista Lazlo Nagy acusa os golpistas de «se limitarem a entregar o futuro do país nas mãos de uma ínfima minoria, escandalosamente privilegiada, e dos seus amigos e protetores

estrangeiros»⁴³. No *Journal de Genève*, também liberal, René Payot manifesta indiretamente o seu desagrado em relação ao governo de Washington quando, a 7 de abril, exprime o seu desejo de que os novos dirigentes brasileiros não se «deixem influenciar pelos cumprimentos» do presidente Johnson, de Dean Rusk e de George Ball.

Mais explícito é René Leyvraz, em *Le Courrier*, dois dias depois. Kennedy tinha compreendido que para lutar contra o comunismo, afirma o jornalista, tem de se debelar a pobreza. A sua Aliança para o progresso foi «literalmente sabotada no Brasil pela mafia que acaba de forçar ao exílio o presidente Goulart»:

Infelizmente, é preciso constatar que os *trusts* norte-americanos não quiseram perceber nem secundar os esforços de Kennedy. Continuaram a apoiar-se nos especuladores da miséria pública. E a opinião pública nos Estados Unidos não parece ainda ter-se libertado de uma espécie de maniqueísmo que considera qualquer medida anticomunista como um grande progresso.

Jules-Humbert Droz, a 15, no quotidiano socialista *Sentinelle*, ataca ainda mais duramente a política americana:

O imperialismo americano no Brasil, como em outras partes do mundo, é sempre o aliado dos grupos sociais mais reacionários. Apoiá-os porque defendem os privilégios capitalistas. Ora, no país onde a estrutura económica e social é ainda de tipo «colonial», onde as diferenças de classe entre a grande massa dos miseráveis e a minoria das pessoas muito ricas fazem explodir o escândalo do grande contraste quotidiano entre a riqueza e a pobreza, é evidente que o ódio se torna o filho da miséria e que este ódio se exprime contra o imperialismo *yankee*, considerado responsável por todos os problemas.

As pessoas perguntam-se onde é que vão parar os bilhões da ajuda americana, que, acrescenta o jornalista, só servem, por um lado, para alimentar a «burocracia, a polícia, o Exército»; por outro lado, servem para enriquecer ainda mais as classes privilegiadas. Os americanos ficam admirados com esta hostilidade que têm que

43 NAGY, Lazlo: «Après le putsch de...», *art. cit.*

enfrentar na América Latina, mas nesta situação não surpreende o fato de as massas olharem para a União Soviética ou para a China.

F) O NOVO REGIME

Depois das várias análises sobre as causas do falhanço do presidente deposto, os jornais da Confederação dedicam menos espaço ao Brasil nos seus comentários. A partir do dia 4 de abril dois temas se destacam nas manchetes e, às vezes, nos editoriais: a repressão e a eleição do General Castelo Branco.

As medidas tomadas pelas novas autoridades ditatoriais contra os comunistas — ou todos os que se supõe serem —, assim como contra todos os simpatizantes do antigo regime, são apresentadas aos leitores através de notícias e telegramas das várias agências noticiosas. Só os títulos e os subtítulos são da autoria das redações.⁴⁴

Esta viragem autoritária não é muito do agrado dos analistas helvéticos. Até os jornais liberais a criticam abertamente, como René Payot, no *Journal de Genève* de 7 de abril, onde denuncia a amplitude da «caça às bruxas». Sob o pretexto de «eliminar os comunistas», aliás, pouco numerosos, já muita gente foi presa. O editorialista do jornal genebrino espera que os vencedores deem provas de moderação e que não instalem um regime «ultrarreacionário». O outro grande quotidiano liberal de língua francesa, a *Gazette de Lausanne*, é mais veemente contra as novas autoridades nos três artigos publicados a 11, 16 e 24 de abril. Fala de medidas arbitrárias, de «purga legalizada»⁴⁵, de «rigorosa

44 «Lacerda veut “épurer”», [Lacerda quer expurgar], *La Suisse*, 4 de abril de 1964; «Tausend Verhaftungen» [Milhares de detenções], *National-Zeitung*, 6 de abril de 1974, edição da manhã; «Brasilien auf anticomunistischen Kurs» [Brasil no caminho anticomunista], *Basler Nachrichten*, 6 de abril de 1964, edição da manhã. Estes são apenas três exemplos de subtítulos de artigos que resumem informações da AP e da AFP.

45 ««Chasse aux sorcières» légalisée au profit de l’armée» [“Caça às bruxa legalizada em benefício da tropa].

limpeza anticomunista»⁴⁶, de «caça às bruxas feitas sob a influência de um anticomunismo primário»⁴⁷.

«O Brasil entregue à “caça às bruxas”», é a manchete de *Le Courier*, de dia 9 de abril. Neste artigo, René Leyvraz — que fala de prováveis assassinatos de camponeses no nordeste brasileiro —, denuncia esta viragem à extrema-direita. Para dar mais força à sua tese, cita a opinião do liberal *Gazette de Lausanne* e do conservador parisiense *Le Figaro*.

Mesmo o correspondente do *Neue Zürcher Zeitung* no Rio — muito aliviado, como já vimos, com o afastamento do perigo comunista —, intitula o seu artigo: «Problemáticas medidas de limpeza»⁴⁸. Menos surpreendente é a opinião do comunista *Voix Ouvrière*, que a 13 denuncia os «grupos fascistas»: «as pequenas e as grandes Gestapos puseram em funcionamento o seu sistema de terror e de tortura».

A eleição do General Castelo Branco à presidência por um parlamento já bem enfraquecido e às ordens dos novos dirigentes é noticiada por quase todos os jornais, que, na sua maioria, se limitam a publicar uma fotografia do General e a resumir os despachos recebido do Brasil.

Alguns comentadores acham que Castelo Branco é um moderado e que, portanto, vai ter um papel importante para dominar a ala dura dos golpistas. É o caso, por exemplo, dos diários *Feuille d'avis de Lausanne* e *Basler Nachrichten*, a 13, que citam as agências noticiosas AP, Reuter e AFP. O quotidiano liberal de Basileia escreve que o novo chefe de Estado é um «enérgico anticomunista», considerado um «moderado». No dia anterior, *Der Bund* fala dele de uma maneira um pouco surpreendente: descreve-o como um «homem do Exército» que «se situa mais à esquerda, embora não tanto como Goulart». Quanto à René

46 LOMBART, René, «Brésil, l'armée au pouvoir» [Brasil. O Exército no poder].

47 NAGY, Lazlo, «Le Brésil après la chute de Goulart. La joyeuse marche vers la banqueroute» [O Brasil depois da queda de Goulart. A alegre marcha para a bancarrota].

48 «Das neue Regime in Brasilien. Problematische Säuberungsmassnahmen» [O novo regime no Brasil. Medidas de limpeza problemáticas], *Neue Zürcher Zeitung*, 24 de abril de 1964, edição da manhã.

Payot, a 7, acha que Castelo Branco faz parte dos generais «razoáveis e respeitosos do poder civil». O editorialista do *Journal de Genève* tem a certeza de que este «espírito moderado, de uma grande cultura, irá pôr fim aos excessos da repressão». Quanto ao jornal católico de Friburgo, *La Liberté*, cita e sintetiza, a 17 de abril, sem nenhum espírito crítico, algumas passagens do discurso do General-Presidente.

No entanto, alguns, mas raros, analistas não se deixam enganar e percebem imediatamente que a viragem à direita é radical. É o caso de René Baume, em *La Suisse*, de 12 de abril. Os militares utilizam todos os meios ao seu alcance para «quebrar governos suficientemente imprudentes para implantar reformas sociais». Foi Castelo Branco, sublinha o editorialista do jornal genebrino, que «deu o sinal da revolta contra o regime de Goulart». O jornalista denuncia também estes militares, que defendem «sobretudo os interesses e os privilégios da classe favorecida» quando invocam a legitimidade constitucional porque, na realidade, foram eles que suspenderam as garantias constitucionais durante seis meses.

O liberal *La Gazette de Lausanne* publica dois comentários sobre o Brasil, a 16 e 24 de abril. No primeiro, René Lombart acha que Castelo Branco, que muito definem como moderado, até a data só «cobriu uma rigorosa limpeza anticomunista». Contrariamente a 1945, os militares brasileiros, acrescenta o editorialista, estão agora a preparar «um regime como eles querem».

No segundo artigo da autoria de Laszlo Nagy, podemos constatar algumas contradições devidas às dificuldades de interpretar, numa análise a quente, a nova realidade no maior país sul-americano. Por um lado, o novo presidente tem muitas qualidades: «ínteligente», «íntegro», «soldado sereno e equilibrado», que não manifesta nenhuma hostilidade em relação aos intelectuais. Porém, falta-lhe uma qualidade essencial: o espírito político. É por isso que o «honesto Marechal⁴⁹», se conseguiu parar a evolução para a esquerda de Goulart, não pôde impedir uma evolução do novo regime à direita. Cita a

49 Castelo Branco é nomeado Marechal em abril de 1964, quando assume a Presidência da República

seguir, como já vimos, a caça às bruxas e também a «ab-rogação do tímido decreto de reforma agrária» assinado em março pelo deposto presidente:

O “torpedeamento” desta ínfima reforma agrária indica claramente a orientação dos novos donos do Brasil. Recusar este primeiro gesto num país onde 62% das terras pertencem ao 3% de senhores feudais enquanto 0,5 % estão divididas em 400 000 parcelas de menos de 5 hectares, e onde, entre 9 milhões de camponeses sem terra 4 milhões não recebem nenhum ordenado, é um crime. Sobretudo, se pensarmos que as terras que o Estado queria resgatar estavam ao abandono.

Reparar-se-á que a imagem positiva que o jornalista tem do novo Presidente não resiste à análise concreta da realidade.

Jean Hugli, no seu editorial publicado a 13 de abril pelo quotidiano *Nouvelle Revue de Lausanne*, afirma que a junta militar foi hábil em nomear um General «probo, honesto e competente». No entanto, tem de reconhecer, como o seu colega Nagy, que o novo chefe de Estado será obrigado a aprovar medidas que «nada têm a ver com a legalidade». E o editorialista do jornal radical ataca o novo ato institucional, redigido por «reacionários» e típico de um estado totalitário. As destituições e as detenções, que começaram logo depois da derrota de Goulart, «vão continuar».



«Aluga-se a partir de dia 1 de abril de 1964», *Nebelspalter*, 15 de abril.

* * * * *

Termino esta minha rápida revista aos olhares da imprensa helvética sobre o golpe de 1964 com três pequenos comentários publicados na imprensa da Suíça francesa. Henri Schubiger, em *Le Courier* de dia 3 de abril, acusa os que ganharam de não se terem

preocupado com as formalidades legais para destituir o presidente. Fizeram a Jango a mesma coisa que três anos antes acontecera a Jânio Quadros. Segundo o editorialista, que exprime aqui uma opinião largamente partilhada pela esmagadora maioria dos seus colegas helvéticos, os problemas principais do Brasil estão muito longe de estar resolvidos: «Os que expulsaram João Goulart, depois de terem eliminado Jânio Quadros, acreditam seriamente ter resolvido todos os problemas que se põem à sua pátria e ter afastado para sempre o perigo comunista do Brasil?»

Por seu lado, René Baume termina o artigo de dia 12, citado anteriormente, exprimindo uma idêntica visão da realidade brasileira: «Os problemas que os reformistas tentam resolver desde há trinta anos não terão desaparecido porque os reformistas foram postos fora da lei».

O socialista *Sentinelle*, no editorial já referido de dia 15 de abril, chega à mesma conclusão: a «contrarrevolução» pode mandar prender sindicalistas, comunistas, militantes de esquerda, privar a burguesia progressista dos direitos cívicos, acentuar a censura e a repressão, mas sem uma mudança fundamental da «estrutura económico-social», a situação só se poderá agravar, com o risco de explosão social: «Hoje a contrarrevolução triunfa utilizando a força; ela prepara um futuro de violência e de miséria.»

CAPÍTULO 2: UM OLHAR DIPLOMÁTICO

Na altura dos acontecimentos tratados neste artigo o chefe da embaixada suíça⁵⁰ no Rio é o genebrino André Dominicé (1911-2001), que ocupa o cargo desde março de 1960, pelo que conhece muito bem o país. Analiso aqui duas cartas⁵¹ e cinco ofícios⁵²

50 O consulado suíço no Rio, que passa a Consulado-geral em 1938, data de 1819. Em dezembro de 1907 o posto foi elevado à categoria de Legação, com um encarregado de negócios, Albert Gertsch (1867-1944), nomeado ministro em 1920. Em março de 1958 é criada a embaixada suíça, que ficará no Rio até 1972.

51 Estas cartas foram enviadas a 23 de março e a 24 de abril de 1964.

52 N.º 1 (17 de fevereiro), n.º 2 (30 de março), n.º 3 (6 de abril), n.º 4 (13 de abril), n.º 5 (15 de junho).

enviados a Berna por este embaixador, que permitem expor o seu ponto de vista sobre esta viragem histórica.

A) GOULART, «O PRINCIPAL RESPONSÁVEL»

No seu primeiro relatório do ano⁵³, o embaixador enumera os principais males do país: a inflação — que ninguém parece querer combater —, a dívida pública, a corrupção — que atinge também o topo da hierarquia —, as greves, o contrabando, a infiltração comunista, nomeadamente nos sindicatos, nas associações estudantis e em certos meios intelectuais. No entanto, Dominicé não se opõe à legalização do PCB porque isso teria pelo menos três vantagens: «"purificar"» os outros partidos, tirar «a auréola de mártir» aos seus dirigentes e contabilizar o número exato dos comunistas brasileiros.

Na opinião do diplomata, João Goulart, que chegou «à mais alta magistratura por acidente», é o principal responsável desta situação «deprimente»: «não esteve à altura do cargo». Cedeu perante «as mais demagógicas reivindicações dos sindicatos», provocando a saída de dois ministros das Finanças, Tiago Dantas e Carvalho Pinto.

E o embaixador recorda, com nostalgia, os anos 30 e 40. Para os «estrangeiros» que imigravam com a intenção de trabalhar, o Brasil era «um verdadeiro paraíso: vida fácil e barata, consideração geral para com o europeu, liberdade de comércio, câmbio favorável». Nos últimos anos a situação mudou muito. O diplomata sublinha, além das dificuldades que têm surgido no dia a dia, uma certa xenofobia, nomeadamente contra os americanos, mas que atinge em parte também os europeus.

Agora o povo brasileiro, pelo menos «o mais bem informado politicamente»,

53 DOMINICÉ, André, «Relatório n.º 1 de 17 de fevereiro de 1964. CH-BAR, E2300#1000/716#876*, Rio de Janeiro, Politische Berichte und Briefe, Militärberichte [Cartas e relatórios políticos, relatórios militares], Band 10 (1961-1965). Todos os documentos diplomáticos aqui citados têm esta cota.

apercebe-se de que o Brasil precisa sobretudo de ser governado, mas por um governo ativo, competente, honesto, que corresponda às tendências profundas do país, que são democráticas e cristãs, e não por um governo como o de Goulart que se caracteriza pela sua ineficácia e moleza e que atua contra a opinião da maioria da população.

No entanto, há um ponto positivo: este executivo tem os dias contados. O importante, segundo André Dominicé, é «“aguentar” até 31 de janeiro de 1965 [sic]⁵⁴», data das próximas eleições presidenciais. O diplomata, que não acredita que Goulart possa ficar no poder, constata que o clima político está cada vez mais tenso.

É o habitual «clima de intranquilidade»⁵⁵ tão favorável a todos os tipos de aventuras político-militares e tão deplorável para o crédito do Brasil no estrangeiro.

Este povo doce, tão infantil e tão paciente, merece muito mais. No entanto, a verdade é que ninguém sabe o que se vai passar.

Dominicé envia dois documentos na semana que antecede o golpe. A 23 de março, na sua carta ao Departamento político, acusa mais uma vez o presidente de se deixar manobrar «como polichinelo» por «alguns elementos marxistas». Relata a manifestação de dia 13 de março, durante a qual, na sua opinião, Goulart excitou as massas contra a Constituição e contra o poder legislativo. Comprometeu-se com a extrema-esquerda apoiando-se nas massas populares para implantar as reformas. Na opinião do embaixador suíço, o presidente gostava de diminuir o poder do Parlamento, hostil à sua política.

«Esta manifestação popular [...] provocou uma onda de ansiedade em todo o país», sublinha o diplomata, que nota também muita inquietação e um aumento da agitação. Fala das reações dos antigos presidentes Dutra e Kubitschek e, sobretudo, da manifestação de 26 de março, «Com Deus, para a família e a democracia», na qual, do seu ponto de vista, as pessoas foram

54 O mandato presidencial expira-se um ano mais tarde, a 20 de janeiro de 1966.

55 Em português no texto original.

totalmente livres de participar, «sem nenhum constrangimento». Estes três factos parecem ter acalmado um pouco as veleidades da extrema-esquerda, mas, no entanto, Dominicé não tem dúvidas:

O Brasil acaba de entrar num período de convulsões e não se pode prever qual será o desfecho. 1964 será um ano crucial para a conservação do regime e para o futuro da democracia neste subcontinente. A extrema-esquerda, pequena minoria muito ativa, fala alto e com força e aproveita-se da fraqueza e da ignorância do Presidente Goulart.

Na última parte da carta fala das «vítimas possíveis» dos decretos de nacionalização: Ciba, Geigy, Hoffmann La Roche, Sandoz, Wander e Nestlé. O diretor-geral da multinacional de Vevey foi visitar o embaixador helvético três dias antes e mostrou-se «muito preocupado». «Chegou o momento para nós darmos o alerta», avisa o diplomata genebrino.

No seu relatório político n.º 2, enviado a 30 de março, na véspera do levantamento, descreve a revolta dos marinheiros e as suas consequências. Segundo Dominicé — que lamenta este grave ataque à autoridade — estes acontecimentos provam que «os comunistas conseguiram infiltrar-se em várias altas esferas do Estado». O que é que quer o «primário» Goulart? Pergunta o embaixador helvético que volta a desfaldar a bandeira do anticomunismo:

[...] quer fazer pressão sobre o Parlamento e a opinião pública, ou é simplesmente um brinquedo nas mãos dos comunistas, cuja infiltração nos mais altos mecanismos da administração e mesmo — agora temos a prova disso —, nas Forças Armadas é, sem dúvida, muito mais importante do que se pensava?

O que pode surpreender, acrescenta o relatório, é que, em geral, numa revolução são as forças populares que querem afastar os que estão no poder. Aqui é o «topo da hierarquia constitucional» que tenta impor uma revolução, enquanto o povo, na grande maioria, rejeita «os objetivos e, sobretudo, os métodos». E compara a seguir a situação de março de 1964 com a de novembro de 1889 e a proclamação da República. Foi, segundo a opinião

de um jornalista brasileiro citado neste documento, a assinatura da Lei Áurea pela princesa Isabel que pôs «um ponto final na monarquia». Agora — e neste ponto todos os analistas parecem concordar, embora não pelas mesmas razões — são os decretos de reforma agrária que podem levar à queda de João Goulart. Este texto foi escrito um dia antes no início da revolta, mas já a 30 de março, escreve Dominicé, «os acontecimentos parecem decorrer [...] cada vez mais rapidamente».

B) «O BRASIL [...] SALVOU-SE POR POUCO»

No primeiro relatório enviado depois da mudança de regime⁵⁶, o embaixador helvético exprime, por um lado, um grande alívio, e, por outro lado, dramatiza ao extremo o chamado «perigo vermelho». André Dominicé faz-se eco, sem nenhum espírito crítico, dos vários boatos acerca de depósitos de armas e de planos comunistas, rumores alimentados pelos novos dirigentes, que surgem como cogumelos depois de uma trovoadas:

O Brasil — e com ele toda a América do Sul — salvou-se por um triz. Mais algumas semanas, ou talvez mais alguns dias, e teria acabado, indefeso, nos braços do comunismo internacional. Com efeito, sabemos agora que, considerando todos os documentos descobertos desde o dia 2 de abril, que um plano subversivo tinha sido elaborado com todos os detalhes e que um golpe de extrema-esquerda devia rebentar no dia 1 de maio. Goulart, totalmente ultrapassado, teria sido dominado ou eliminado, o seu cunhado Brizola, imitando Fidel Castro, ter-se-ia declarado marxista-leninista e a cubanização do país teria começado, acompanhada por execuções sumárias e por outros atos de violência, para não mencionar o sequestro dos bens estrangeiros.

Foram as altas patentes militares, muito preocupadas com «a influência crescente do marxismo» que decidiram agir. O discurso do presidente, a 13 de março, a sua «atitude demagógica

⁵⁶ DOMINICÉ, André, Relatório político n.º 3, de 6 de abril de 1964. CH-BAR, E2300#1000/716#876*, Rio de Janeiro, citado.

e subversiva» tiveram um papel importante, mas a revolta dos marinheiros foi decisiva para desencadear do golpe. O diplomata recorda a rapidez da vitória dos revoltosos e a falta de apoio para com ex-presidente: «Ninguém se manifestou para defender o governo Goulart, governo que, no entanto, pretendia ter todo o apoio do povo». Salienta as ações repressivas, «uma verdadeira purga», nomeadamente contra os comunistas. Realça também a prisão de um grupo de chineses, o assalto por parte de um grupo de oficiais contra a embaixada da Hungria e o fumo que incomoda os vizinhos da embaixada da União Soviética onde «se queima, se queima...».

Na embaixada e na colónia suíça, em geral, e sobretudo, «respira-se», escreve Dominicé, pensando no que podia ter acontecido com uma vitória de um golpe comunista. O perigo das nacionalizações da indústria farmacêutica e do leite em pó fica afastado durante muito tempo e a lei sobre a transferência dos lucros poderá ser modificada no sentido favorável às empresas estrangeiras.

O embaixador, como vimos, admite implicitamente que o golpe militar está do lado das multinacionais. Ao mesmo tempo, recusa a interpretação dada, por exemplo, pela imprensa francesa, segundo a qual o que aconteceu no Brasil foi a ação de «alguns oficiais reacionários pagos pelos grandes proprietários, ameaçados pelo bom presidente Goulart». Ao seu ver, foi a vontade das Forças Armadas de se verem livres de um presidente «fraco e demagogo», animado, pelo menos em parte, de boas intenções, mas que estava «a entregar o maior país da América do Sul aos agentes de Moscovo, de Pequim e de La Havana». A conclusão deste relatório não deixa margem para dúvidas sobre a opinião do chefe da embaixada suíça no Brasil: «Estou convencido de que o dia 1 de abril de 1964 será umas das datas recordadas no futuro por aqueles que escreverão sobre a história da Democracia neste continente».

No ofício n.º 4, de 13 de abril, o embaixador fala, essencialmente, do «Ato constitucional», verdadeiro «*diktat*» imposto pelo Alto Comando da Revolução que, deste modo, se erige, para utilizar as palavras de Dominicé, «em poder supremo

e dita ao país e às suas autoridades» o que devem fazer até janeiro de 1966. O diplomata continua satisfeito com a situação porque o Brasil não se transformou «numa segunda Cuba». Aprecia também a escolha de Castelo Branco, um «homem culto», «personagem modesta, honesta e reta»⁵⁷, pouco caloroso, “frio e seco»⁵⁸, que fala pouco, muito diferente dos outros políticos brasileiros, um homem que se situa entre a ala dura e os moderados.

Na carta política de dia 24 de abril, o embaixador, que resume o discurso do novo presidente, reitera o seu apreço pelos novos governantes, que, contrariamente ao precedente gabinete, «dão uma impressão de seriedade» e de capacidade de reflexão. Resumindo, «a confiança e o otimismo» estão de volta ao país. Exprime, porém, uma certa reserva face à repressão: «a nossa consciência de democrata não fica tranquila perante estes atos de violência»⁵⁹. O que o incomoda mais é o «sentimento de insegurança e de arbítrio»⁶⁰ provocado pela caça às bruxas. No entanto, acrescenta o embaixador suíço, «não se pode aceitar a revolução e rejeitar os atos revolucionários»⁶¹.

Mas, em meados de junho, dois meses e meio depois da queda de Goulart, o embaixador, como os outros analistas, já não pensa no Golpe de Estado mas no que a Ditadura vai ter de propor e fazer. A análise deste período merece um estudo aprofundado que ultrapassa os limites do presente artigo.

* * * * *

Os jornais e os documentos diplomáticos constituem as duas fontes essenciais e também as mais completas, embora tenha encontrado outra mas com muitas lacunas: são as informações emitidas pela Radio-Genève a 3 e a 10 de abril.

57 DOMINICÉ, André, Ofício n.º 4, de 13 de abril de 1964. CH-BAR, E2300#1000/716#876*, Rio de Janeiro, citado.

58 DOMINICÉ, André, Ofício n.º 5, de 15 de junho de 1964. CH-BAR, E2300#1000/716#876*, Rio de Janeiro, citado.

59 DOMINICÉ, André, Ofício n.º 4, de 13 de abril de 1964, citado.

60 DOMINICÉ, André, Ofício n.º 5, de 15 de junho de 1964, citado.

61 Ibidem.

No dia 3 de abril, René Payot explica que as reformas são necessárias mas que os projetos de Goulart (revisão da constituição para se manter no poder, concessão do voto ao partido comunista, etc.) e o apoio dado aos marinheiros revoltados provocaram a união de todos os seus inimigos, estes últimos, por sua vez apoiados, e isso foi essencial, pelo Exército.

Uma semana mais tarde, no dia 10, outro jornalista da Radio, num breve comentário de um minuto, realça as modificações à Constituição por parte dos militares. Trata-se, na sua opinião, de um «segundo Golpe de Estado» que se propunha sanear a administração, o Parlamento e o Exército. Com «este endurecimento» os militares correm o risco de «reanimar a oposição» e de empurrar para os seus braços «certos adversários de Goulart» que não aceitam esta viragem militar totalitária.

Por outro lado, o filme sobre Dom Hélder Câmara⁶², emitido em novembro de 1976 pela Télévision suisse-romande, dedica também cerca de dois minutos ao Golpe. Foram os militares que derrubaram Goulart, «acusado pelos seus adversários de querer implantar reformas sociais revolucionárias e subversivas». O filme, que mostra imagens de militares e de populares no Rio, menciona também os milhares de pessoas presas ou exiladas e a nova filosofia do regime: «O liberalismo económico e a repressão dos movimentos sindicais». A reforma agrária, «que queria dar a terra a quem a trabalha» foi enterrada. Segundo os autores desta reportagem, este é o «modelo de regime forte que vai inspirar outros exércitos da América do Sul».

Temos, finalmente, a opinião de dois professores universitários. Jacques Freymond, professor no Institut des Hautes Études Internationales, que escreve o prefácio à tese publicada em 1972 em Genebra por Georges-André Fiechter, *Le Régime modernisateur du Brésil (1964-1972)*. Neste texto de duas páginas, tenta, embora com muitas dificuldades, não dar a própria opinião e não tomar partido entre, por exemplo, os generais e a oposição, a violência e a não-violência, ou sobre a legitimidade do regime de

62 O prelado explica, entre outras coisas, como, nos meses que antecederam a queda de Goulart, sentia a força da máquina da propaganda americana que fazia «o possível e o impossível para demonstrar que existia no nordeste, em Pernambuco, um novo Fidel Castro».

1964. No entanto, o fato de ele nunca contestar nem os métodos usados pelos militares, nem os resultados obtidos parece-me, já por si, revelador do ponto de vista de um professor que foi durante muitos anos membro do Conselho da Administração da Nestlé. A sua conclusão ambígua é mais uma prova desta minha afirmação:

O trabalho do Sr. Fiechter confirma, em definitivo, o que já sabíamos de outros exemplos: não há desenvolvimento sem uma certa forma de constrangimento. O debate é sobre a natureza do constrangimento e sobre a escolha dos homens que o exercem.

Termino este meu artigo com uma opinião diametralmente oposta, a do sociólogo Jean Ziegler, que não tem dúvidas quanto aos mandantes do movimento militar de 1964: «Foi um Golpe de Estado organizado pela CIA em favor das empresas multinacionais»⁶³.

BREVE NOTA FINAL

Entre os acontecimentos da História brasileira do século XX, o golpe de 1964 é, sem dúvida, o que mais comentários suscita na imprensa suíça. Durante três a quatro dias a queda de Goulart é manchete na esmagadora maioria dos jornais da Confederação. Vimos como não somente os grandes jornais, mas mesmo a imprensa regional, lhe dedica pelo menos um editorial.

Os periodistas helvéticos não se enganam sobre a cor político-ideológica dos golpistas. Interpretam rapidamente este movimento militar como uma reação às reformas propostas por Jango e vários editorialistas qualificam de reacionários, ou pelo menos de conservadores, os organizadores do Golpe de Estado, embora muitos ainda tenham a esperança de que esta viragem não seja muito violenta. Pouquíssimos jornalistas suíços apoiam sem reservas os que acabam de tomar o poder no Rio de Janeiro. Vimos, por exemplo, como a imagem dada dos três

63 Entrevista telefônica com Jean Ziegler, 18 de junho de 2014.

governadores não é muito elogiosa. Se podemos ler comentários muito contrastantes sobre Carlos Lacerda, apontando-lhe aspetos positivos e negativos, Ademar de Barros e Magalhães Pinto são sempre descritos como pessoas pouco recomendáveis.

João Goulart é a personagem política mais criticada: alguns jornais realçam o fato de ele ser muito rico e de propor reformas que não tocavam nas suas propriedades e nas dos seus amigos; a maioria dos periodistas admite as boas intenções do ex-presidente, mas põe em relevo a sua atitude, a sua tática imprudente, que alguns definem como uma viragem à esquerda, que conseguiu federar contra ele todas as forças conservadoras; os jornais de esquerda defendem implicitamente a sua política e acusam os privilegiados.

Porém, não é unicamente a imprensa socialista e comunista que ataca a classe favorecida. Mesmo os jornais que se situam ao centro-direita do xadrez político põem o dedo na ferida social: o enorme fosso entre uma ínfima e riquíssima minoria e a pobreza de dezenas de milhões de brasileiros. São estes periódicos que avisam os novos detentores do poder no Brasil para estes não terem muitas ilusões: o anticomunismo não resolve os problemas de fundo da sociedade brasileira, antes pelo contrário. É a injustiça que alimenta e que dá mais argumentos à propaganda dos partidos da esquerda revolucionária.

A forte repressão que se inicia logo nos primeiros dias de abril não deixa indiferente a esmagadora maioria dos analistas helvéticos, mesmo os dos jornais liberais, que recebem e denunciam uma viragem reacionária. No entanto, os mesmos periodistas esperam que o novo presidente Castelo Branco, definido como um moderado, possa travar esta evolução.

Quanto à atitude dos Estados Unidos, podemos afirmar que nos comentários que tratam do assunto prevalece a crítica perante a política norte-americana. Se o comunista *Voix Ouvrière* fala de vingança dos Estados-Unidos e o socialista *Sentinelle* condena a política americana na América Latina, os outros jornalistas que comentam a posição de Washington distanciam-se mais ou menos abertamente da política do presidente Johnson, que contrapõem à de John Kennedy. As declarações de John Ball e

a rapidez da reação americana chegam a irritar alguns analistas moderados como René Payot. René Leyvraz fala da cegueira anticomunista do governo e da opinião pública americana e é o único, juntamente com o diário *Voix Ouvrière*, que menciona a enorme responsabilidade dos *trusts*.

André Dominicé, pelo contrário, situa-se claramente do lado das multinacionais helvéticas e, tal como os Estados Unidos, está completamente obcecado pela ameaça comunista. Nos seus comentários bate sempre na mesma tecla: é preciso uma reação para travar o avanço do comunismo e afastar um presidente demagogo. Por conseguinte, não é de estranhar o seu contentamento com o rápido derrube do regime de Jango, depois do qual se respira de alívio na embaixada e na colônia suíça. Apesar de tudo, o embaixador suíço no Rio fica um pouco incomodado com a repressão — e cita a sua consciência de suíço —, mais pela incerteza, pela instabilidade que provoca, do que por razões ideológicas. Como muitos jornalistas, confia no novo chefe de Estado Castelo Branco para evitar os excessos da caça às bruxas.

As fontes orais que encontrei são pouco numerosas, sendo, portanto, difícil tirar conclusões. Podemos, no entanto, dizer que os dois comentários da Radio-Genève reproduzem as opiniões dos jornais de referência, como o *Journal de Genève* ou o diário *Gazette de Lausanne*. A reportagem sobre D. Hélder Câmara denuncia claramente o abismo social do país, a interferência da política americana e das grandes multinacionais.

Quanto às opiniões totalmente divergentes dos dois professores universitários, Jacques Freymond defendia posições claramente conservadoras e acríticas perante a ditadura. Por seu lado, Jean Ziegler acusa diretamente a administração americana. Podemos dizer que a propaganda dos Estados Unidos, como o confirma Hélder Câmara na reportagem acima referida, foi, sem dúvida, enorme e tudo fez para sabotar as reformas sociais. Sabemos também que os agentes secretos americanos não precisaram de intervir diretamente: estavam, no entanto, preparados para o fazer em caso de dificuldades.

BIBLIOGRAFIA

FONTES

A) NÃO PUBLICADAS:

CH-BAR, E2300#1000/716#876*, Rio de Janeiro, Politische Berichte und Briefe, Militärberichte [Cartas e relatórios políticos, relatórios militares], Band 10 (1961-1965).

Contém dez pastas, cinco com relatórios políticos (uma por cada ano) e cinco com cartas políticas enviadas a Berna pela embaixada suíça no Rio de Janeiro, de 1961 a 1965.

B) PUBLICADAS:

FREYMOND, Jacques, «Préface», in FIECHTER, Georges-André, *Le Régime modernisateur du Brésil (1964-1972)*, Genebra, IUHEI, 1972, pp. IX-X.

PAYOT, René, “La situation internationale”, *Journal de Genève*, 4 de abril de 1964. Texto apresentado na véspera na Radio Genève.

C) ORAIS:

«Le coup d'État au Brésil», Radio-Genève, 10 de abril de 1964 (comentário de dois minutos).

«Dom Hélder Câmara», Radio Suisse Romande, Filme da série «Destins» apresentado pela Télévision Suisse Romande a 26 de novembro de 1976.

Entrevista telefônica com Jean Ziegler, 18 de junho de 2014.

D) PERIÓDICOS CONSULTADOS (ENTRE PARÊNTESES A TIRAGEM EM 1965):

16 de língua francesa: *Le Courrier* (12.000), *Le Démocrate* (8900), *Feuille d'avis de Lausanne* (81.500), *Feuille d'avis de Neuchâtel* (31.500), *Gazette de Lausanne* (17.100), *L'Impartial* (23.100), *Journal de Genève* (13.500), *La Liberté* (20.000), *Nouvelle Revue de Lausanne* (11.600), *Le Nouvelliste* (13.100), *Le Pays* (7900), *La Sentinelle* (3600), *La Suisse* (53.300), *La Tribune de Genève* (60.000), *Tribune de Lausanne* (47.100), *Voix Ouvrière* (8000).

10 de língua alemã. *Basler Nachrichten* (21.900), *Berner Tagwacht* (16.100), *Der Bund* (40.500), *National Zeitung* (70.100), *Nebelspalter* (?), *Neue Zürcher Zeitung* (80.000), *Die Ostschweiz* (11.900), *Tages Anzeiger* (161.000), *Die Tat* (36.800), *Die Weltwoche* (118.300).

3 de língua italiana: *Corriere del Ticino* (14.000), *Il Dovero* (10.600), *Giornale del Popolo* (12.200)

LIVROS:

BANDEIRA, Moniz, *Presença dos Estados Unidos no Brasil. (dois séculos de História)*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1978, 2.^a ed.

BANDEIRA, Moniz, *O Governo João Goulart: As Lutas Sociais no Brasil (1961-1964)*, Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1983, 6.^a ed.

BARROS, Edgar Luiz de. *Os Governos Militares*. São Paulo: Ed. Contexto, 1991

BLASER, Fritz. *La presse suisse*. 2 Vol., Basileia: Birkhäuser, 1956-1958.

FAUSTO, Boris. *História do Brasil*. S. Paulo: Ed. USP, 1994.

MENDONÇA, Sonia Regina de & FONTES, Virgínia Maria. *História do Brasil Recente (1964-1992)*. São Paulo: Editora Ática, 1994.

PAES, Maris Helena Simões. *A Década de 60. Rebeldia, contestação e repressão política*. São Paulo: Editora Ática, 1997 (4.^a ed.)

PARKER, Phyllis, R. 1964. *O Papel dos Estados Unidos no Golpe de Estado de 31 de março*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1977.

PENNA, Lincoln de Abreu. *República Brasileira*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

SKIDMORE, Thomas. *Brasil; de Getúlio a Castelo (1930-1964)*. São Paulo: Paz e Terra, 2000 (12.^a ed.)

SILVA, Hélio. 1964. *Vinte anos de Golpe Militar*. Porto Alegre: L & PM, 1985.